

O Sentido do Mal-estar

Angelo Pereira Campos¹

Sigmund Freud, o pai da psicanálise, nasceu em Freiberg, na Morávia, em 06 de maio de 1856, filho de Jacob Freud, um judeu comerciante de lãs. Laureou-se em Medicina, em Viena (1881) e dedicou-se por algum tempo aos estudos de anatomia cerebral, passando em seguida ao estudo das doenças nervosas. Transferiu-se para Paris no intuito de estudar com o então célebre Charcot os mistérios da histeria e seu tratamento com a técnica da hipnose. Charcot estava convencido de que a histeria dependia de uma alteração psicológica que poderia ser sanada através da sugestão hipnótica. Em 1889 Freud segue para Nancy onde aperfeiçoou sua técnica com Bernheim. Retorna a Viena em 1894, redigindo em parceria com Josef Breuer um relato sobre um caso de histeria, publicando no ano seguinte os “Estudos sobre a histeria”, sustentando que a compreensão sobre a origem do trauma lança luz sobre pontos obscuros da doença levando o paciente a uma espécie de catarse que elimina os efeitos dos distúrbios. Pouco tempo depois Freud romperia em definitivo com a técnica hipnótica, através de uma nova metodologia investigativa, analisando dados significativos que supostamente escapam à consciência, como lapsos de memória, atos falhos e sintomas, entendidos como materiais inconscientes. Seu estudo sobre os sonhos (hoje um clássico) marca o início da descoberta do inconsciente e o início da teoria psicanalítica, cujas implicações vão muito além do psiquismo humano, constituindo um autêntico corte epistemológico na história das idéias. Perseguido pelo nazismo por sua ascendência judaica exila-se na Inglaterra, vindo a falecer em 23 de setembro de 1939, em Londres.

O “Mal-estar na civilização” insere-se na mesma linha crítica do comportamento social e cultural do homem iniciado em “Totem e tabu” (1912) e “O Futuro de uma ilusão” (1927), podendo ser considerados escritos complementares. Seu principal foco de investigação é a orfandade do indivíduo e a dificuldade de aceitação da realidade como esta se nos apresenta, confrontando o psiquismo entre o desejo e a necessidade. Nesse sentido, a impossibilidade manifesta da satisfação plena dos instintos humanos (doravante chamados de “pulsões”, uma vez que, diferentemente dos animais, o instinto

¹ ANGELO PEREIRA CAMPOS é filósofo (UFMG), psicanalista (GREP) e especialista em abordagem transdisciplinar (FACISA/UNIPAZ).



humano é também composto pela “linguagem”, logo, permeado por uma característica cultural) é considerada fonte de sofrimento ou de desprazer. Nesse aspecto, o modo próprio de estruturação do ser humano o distancia da felicidade. As causas do sofrimento são analisadas de três maneiras: primeiro, advindo de nossa condição física, onde o corpo está irremediavelmente condenado à decrepitude e à morte, sendo a dor e a ansiedade um sinal de alerta. Segundo, o mundo, a natureza mesma, pode a qualquer momento voltar sua fúria e destruição contra nós, fragilizando-nos. Por fim, em terceiro lugar e mais penosamente, nossos relacionamentos sociais, fadados ao conflito de interesses vários.

Esta visão ameaçadora da realidade interna (psíquica) e externa (biológica e social) torna a vida algo árduo e penoso. Não seria possível suportar a angústia sem o recurso a meios paliativos, como o são a neurose, a intoxicação e a psicose. Todo sofrimento nada mais é do que sensação e esta se nos afigura como consequência de nossa constituição orgânica. Para Freud, o método paliativo mais grosseiro – e também o mais eficaz – é o recurso químico, a intoxicação, atualmente muito difundido, seja pela psiquiatria, com o Prozac, por exemplo, seja pela drogadição disseminada mundialmente pelo tráfico. Contudo, sabemos dos riscos e danos inerentes a tal método. Outra possibilidade de influenciar o organismo seria recorrer ao “aniquilamento” do eu (do desejo, da vontade, da pulsão) prescrito pela sabedoria oriental e efetivada através da ioga: o êxito, nesse caso, significa também o abandono das outras atividades da vida e o máximo que o indivíduo alcança é a quietude, estado muito próximo da apatia. Freud sugere que a melhor possibilidade seria aderir à comunidade humana, recorrendo à ciência e à técnica para desferir um ataque mortal à natureza e sujeitá-la às nossas vontades, trabalhando pelo bem comum.

A felicidade humana, entendida como finalidade da vida, constitui um problema de fundo psíquico, ancorado na capacidade de investimento libidinal do indivíduo. A noção de “amor erótico”, sensual, constitui a mais intensa forma de prazer que se possa experimentar e oferece a base e o modelo para outras formas de amar. No entanto, “nunca nos sentimos tão fracos e desamparados quando amamos e tão infelizes ao perder o objeto amado ou o seu amor” (FREUD, 1996: 90).



GEFIL ASSESSORIA CULTURAL

Especializado em assessoria educacional e ensino de arte e cultura
www.gefil.emp.br

Diante da constatação da mais alta fragilidade humana, se erige o sentido da religião. Trata-se da imposição de uma única escolha para a consecução da felicidade e do afastamento do sofrimento: segundo Freud – retomando o tema de “O Futuro de uma ilusão” – a religião cristã em especial, deprecia o valor da vida e deforma a realidade com seus delírios, dependendo, para tanto, do completo desprezo pela inteligência. Contra o mundo real, oferece um outro mundo, espiritual, onde não existe sofrimento; contra o corpo físico propõe uma alma imortal cuja libertação dá sentido à própria morte; por fim, quanto às relações humanas, exige o mais absurdo dos mandamentos: “ama a teu próximo como amas a ti mesmo”. Trata-se da instituição do impossível com uma obrigação.

A origem da civilização se fundamenta na tentativa de nos proteger da natureza e dos relacionamentos humanos, visando o bem comum. Tragicamente, contudo, sabemos que os regulamentos e as leis por nós criadas não nos conferem o benefício da proteção. A civilização é responsável por nossa desgraça e, paradoxalmente, a busca de alívio, a tentativa de nos proteger do sofrimento, é parte da mesma civilização. Nossa estrutura interna é tal que a criamos por necessidade e ao mesmo tempo almejamos destruí-la. Para Freud, a descoberta do mecanismo das neuroses, decorrente da frustração das pulsões exigidas pela sociedade, faz inferir erroneamente que a supressão das exigências culturais nos levaria à felicidade. Insistindo em mais um ponto, diríamos que a vertiginosa capacidade tecnocientífica contemporânea, ao contrário de oferecer conforto e segurança, mergulhou a humanidade num abismo de medo e temor como consequência do domínio de armas químicas e nucleares. São características próprias da civilização. Para Freud, é “a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais e que servem a dois intuitos: proteger os homens contra a natureza e o de ajustar seus relacionamentos mútuos” (Op. cit. p. 96).

Em síntese, o que ocasiona a civilização ocasiona também a hostilidade contra ela. As exigências culturais mobilizam forças pulsionais e as modificam no homem dando lugar aos traços de caráter. Contudo, a marca mais característica da civilização é seu apreço por ideais. Assim, a “liberdade” como ideal humano, é, por um lado, compatível com a civilização na medida em que procura corrigir alguma injustiça. Por outro lado, torna-se



inimiga quando alguns remanescentes pulsionais não podem ser por ela domados. E uma instigante questão se nos afigura: é possível conciliar a liberdade do indivíduo com alguma forma de civilização ou trata-se de um conflito insolúvel?

O extremo desse raciocínio leva Freud à conclusão tão terrível de que o amor e a civilização são incompatíveis. Fechando seu pensamento, dizemos que a religião não é mais que uma imensa ilusão, conforme analisada na parte V do texto. Ao contrário do amor, o homem naturalmente dissipa o ódio, a agressividade. Daí a necessidade de a civilização incitar a inibição das pulsões, a restrição à satisfação sexual e daí o mandamento religioso (civilizado) de “amar a teu próximo como a ti mesmo” porque nada pode ser mais contrário à constituição natural do homem.

O “Mal-estar na civilização” pode ser considerado o texto mais sombrio de Freud e também o mais inseguro (cf.: GAY, 1989: 493). É o texto da psicanálise que aborda de maneira mais rígida a condição da miséria humana. Historicamente sua desesperança se confirma com a quebra da bolsa de valores de Nova York, (29 de outubro de 1929), iniciando a “Grande Depressão” e a ascensão do partido hitlerista ao poder em 1931. Do ponto de vista da história das idéias, a tese aqui defendida remonta a constatação feita por Thomas Hobbes (1588-1679) de que “o homem é o lobo do homem”. “Quem”, pergunta Freud, “em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção?” (Op.cit. p.116). Essa dimensão “dá uma razão de ser do aspecto coercitivo da cultura e confere à organização social seu estatuto de compromisso precário: o homem não pode viver plenamente feliz nela mas não consegue sobreviver sem ela” (ROUDINESCO & PLON, 1998: 491).

A análise da agressividade humana mostra que sua força reside primordialmente em sua relação com o prazer, sendo assim, um complemento do amor. A natureza do mal-estar só pode ser analisada por Freud recorrendo à teoria da dualidade pulsional: amor/ódio, vida/morte, como imperativos da vida inconsciente e da vida social. A força coercitiva da civilização se faz presente no psiquismo através do sentimento de culpa, por sua vez gerador da angústia e esta, finalmente, incapacita o homem para a felicidade.



Referências Bibliográficas

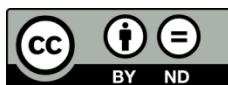
FREUD, Sigmund, *O Mal-estar na civilização*, ESB, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996

GAY, Peter, *Freud, uma vida para nosso tempo*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989

LAPLANCHE & PONTALIS, *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo: Martins Fontes, 1997

REALE, Giovanni, ANTISSERI, Dario, *História da Filosofia: do romantismo até nossos dias*, São Paulo: Paulus, 1991

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel, *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998



Este trabalho foi licenciado com a Licença Creative Commons Atribuição 3.0 Não Adaptada. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/> ou envie um pedido por carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.



GEFIL ASSESSORIA CULTURAL

Especializado em assessoria educacional e ensino de arte e cultura
www.gefil.emp.br